



UFSM

Monografia de Especialização

**O LAZER NAS SOCIEDADES
DE CONTROLE**

Victor Fonseca

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**O LAZER NAS SOCIEDADES
DE CONTROLE**

por

Victor Fonseca

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Ciência do Movimento Humano**.

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

O LAZER NAS SOCIEDADES DE CONTROLE

elaborada por
Victor Fonseca

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Ciência do Movimento Humano

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Wenceslau Virgílio Leães Filho
(Presidente/Orientador)

Profa. Dra. Maristela da Silva Souza

Prof. Dr. João Francisco Magno Ribas

Santa Maria, 13 junho de 2005

Dedico este trabalho à Giulia e Giovana.
Sei que cada uma de vocês,
assim como eu, sofreu a seu jeito.
A distância foi dolorosa conosco, meus amores.
Minha principal descoberta “científica” foi
a impossibilidade de viver longe de vocês.

- " - Bom dia - disse o pequeno príncipe.
- Bom dia - respondeu o manobreiro.
- Que fazes aqui? - perguntou-lhe o príncipezinho.
- Eu separo os passageiros em blocos de mil - disse o manobreiro. - Despacho os trens que os carregam, ora para a direita, ora para a esquerda.
E um trem iluminado, roncando como um trovão, fez tremer a cabine do manobreiro.
- Eles estão com muita pressa - disse o pequeno príncipe. - O que é que estão procurando?
- Nem o homem da locomotiva sabe - disse o manobreiro. E apitou, vindo em sentido inverso, um outro trem iluminado.
- Já estão de volta? - perguntou o príncipe...
- Não são os mesmos - disse o manobreiro. - É uma troca.
- Não estavam contentes onde estavam?
- Nunca estamos contentes onde estamos - disse o manobreiro.
E o apito de um terceiro trem, iluminado, soou.
- Estão correndo atrás dos primeiros viajantes? - perguntou o pequeno príncipe.
- Não correm atrás de nada - disse o manobreiro. - Estão dormindo lá dentro ou bocejando. Apenas as crianças apertam seus narizes contra as vidraças.
- Só as crianças sabem o que procuram - disse o príncipezinho. - Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...
- Elas são felizes... - disse o manobreiro."

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O LAZER NAS SOCIEDADES DE CONTROLE

Autor: Victor Fonseca

Orientador: Wenceslau Virgílio Leães Filho

Data e Local: Santa Maria, 13 de junho de 2005

Partindo do conceito *Sociedades de Controle*, proposto mas não totalmente desenvolvido por Michael Foucault, onde está contida a tese do controle contínuo do corpo, buscou-se compreender em que medida este grau de controle influencia também as práticas de Lazer. Este estudo pretende essencialmente realizar o esboço de uma caracterização do Lazer nestes espaços para, num segundo momento, problematizá-lo. O itinerário percorrido foi o seguinte: Partindo de uma tentativa de contextualização através de um relato em linguagem voluntariamente prosaica que descreve um olhar sobre o centro urbano de Santa Maria-RS (tentando captar parte de sua dinâmica própria e algumas de suas respectivas práticas de Lazer), passamos ao capítulo um, que tenta situar o leitor quanto à natureza e o propósito do texto (já brevemente referidos acima). Em seguida, no capítulo dois, buscamos uma aproximação com alguns pressupostos teóricos aqui tratados metaforicamente como “lentes”, ou seja, instrumentos para ampliar nossa capacidade de observação e compreensão do fenômeno em questão. No terceiro e último capítulo, já de posse (relativa) daqueles instrumentos, realizamos uma tentativa de problematização do Lazer, apoiada na noção de corpo enquanto produto dos efeitos de poder correspondentes às *Sociedades de Controle*.

Palavras-chave: Lazer; Sociedades de Controle; Poder.

ABSTRACT

Monography in Majoring
Post-graduation Program in Human Science Movement
Federal University of Santa Maria. RS state, Brazil

LAZE IN THE SOCIETIES OF CONTROL

Author: Victor Fonseca
Orientador: Wenceslau Virgílio Leães Filho
It dates and Local: Santa Maria, June 13, 2005

Leaving of the concept *Societies of Control*, proposed but not totally developed by Michael Foucault, where the thesis of the continuous control of the body is contained, it was looked for to understand in that measured this control degree also influences the practices of Laze. This study intends essentially to accomplish the sketch of a characterization of Laze in these spaces for, in a second moment, *problematizá-lo*. The traveled itinerary was the following: Leaving of a contexture attempt through a report in language voluntarily prosaic that describes a glance on the urban center of Santa Maria-RS (trying to capture part of its own dynamics and some of its respective practices of Laze), we passed to the chapter a, that tries to place the reader with relationship to the nature and the purpose of the text (already shortly referred above). Soon after, in the chapter two, we looked for an approach here with some theoretical presuppositions treated *metaforicamente* as "lenses", that is to say, instruments to enlarge our observation capacity and understanding of the phenomenon in subject. In the third and last chapter, already of ownership (relative) of those instruments, we accomplished an attempt of *problematização* of Laze, supported in the body notion while product of the effects of power corresponding to the *Societies of Control*.

Word-key: Laze; Societies of Control; Power.

Words in Portuguese: "*problematizá-lo*"; "*problematização*" and "*metaforicamente*". (we didn't know how to translate).

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
PRÓLOGO.....	1
1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	5
2 LENTES PARA OBSERVAR:	8
2.1 Tempo e atitude, o espaço e os conteúdos do lazer:.....	10
2.2 Domenico De Masi e o ócio criativo:.....	15
2.3 Foucault	20
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	37

PRÓLOGO

A fim de introduzir este trabalho, farei a seguir o relato de uma experiência pessoal. Temo que leitores mais sôfregos achem-no enfadonho, já que pretendo me deter nos detalhes do que vi. Pediria a estes um pouco de paciência, pois nestas linhas existe o propósito de contextualização deste estudo.

Em 26 de maio de 2005, tarde ensolarada de um outono frio como qualquer outono no sul do Brasil, feriado nacional de *Corpus Christi*, sentia-me saturado de tanto trabalho. Primeiro foram os dois empregos como professor, além dos respectivos deslocamentos para cada um deles, ambos numa cidade vizinha de Santa Maria - morar numa cidade e trabalhar noutra, assim como ter dois empregos, não são coisas raras em nossos dias. Depois o próprio trabalho acadêmico que viria a culminar nesta monografia. Cansado da solidão, do confinamento, das obrigações, dos livros e do computador, saí de casa.

Já nos primeiros passos, a rigor, não estava mais sozinho. Esta é uma das características da vida atual nos centros urbanos, ou seja, a *solidão vigiada*. As câmeras de monitoramento interno da UFSM (lugar onde moro), dezenas delas, poderiam perfeitamente me acompanhar, como possivelmente tenham feito. Além disso, cada par de olhos por trás das janelas e das cortinas, e efetivamente eram muitos, poderiam me observar pelos mais diferentes motivos. Estas são outras importantes características da vida atual: o *medo*, a *introspecção* e o conseqüente *auto-isolamento*.

Na seqüência o ônibus... O movimento... As imagens... Os produtos... As marcas... O tempo... O espaço... A multidão... e lá estava Eu, um anônimo entre tantos desconhecidos no centro de Santa Maria. A tarde era bela. Fria, é verdade. Mas o sol que a banhava era reconfortante. Mesmo assim tinha muita gente em casa. Visitei quatro amigos diferentes, usei a internet do último para saber notícias da família que infelizmente anda longe. Já surgem novas e marcantes características: as *distâncias*, as *separações compulsórias* e a *comunicação virtual*.

Até aqui não falei do objetivo desta empreitada. Era este: queria assistir a um filme no cinema. Não se engane, caro leitor. Não era propriamente um

momento de Lazer, mas sim trabalho. Trabalho cujo produto você está a ler. É que o filme em questão trata exatamente disso: das vidas privadas sendo monitoradas por câmeras muito mais ousadas que as pensadas por George Orwell no clássico “1984” (provável inspiração para os *Reality Shows* - recente fenômeno da cultura de massa -, cujo exemplo mais notório talvez seja o programa “Big Brother”, por sua repercussão mundial). O *Shopping Center* era, portanto, meu destino.

No Shopping, o “templo do consumo” para Frei Beto, sentia-me absolutamente excitado. A *hiperexcitação* causada pela *intensificação dos estímulos* também caracteriza a vida contemporânea dos centros urbanos. E como poderia deixar de estar assim? Música eletrônica, escadas rolantes, caixas eletrônicos, vigias portando rádio-transmissores, várias tribos, vários estilos, muitos adolescentes bem-vestidos, muitas vitrines bem decoradas sendo olhadas por casais românticos (já com o tema “dia dos namorados”, recebido com entusiasmo pelos empresários), pessoas entrando e saindo dos elevadores, muitas mulheres maquiadas, muitos rostos sisudos, celulares moderníssimos, sons de jogos eletrônicos, pais passeando com filhos, nenhuma pobreza... Sem dúvida, um universo excitante.

Fui ao banheiro. Lá os desconhecidos se olhavam feio, como que por instinto de autodefesa. Em uma palavra, a *desconfiança* era o sentimento básico que permeava as relações naquele ambiente. Todos pensam: “...afinal de contas, talvez seja melhor não arriscar”. Lavei o rosto com a ajuda de uma torneira temporizada e sequei as mãos num dispositivo de ar quente. Até ali não tinha certeza de quantas câmeras poderiam estar me filmando. E no fundo não interessa tanto elas estarem lá. O que mais interfere nos comportamentos é, sem dúvida, a *sensação de poder estar sendo filmado*.

Cheguei ao meu destino. No último andar, o cinema. O cartaz dizia:

HOJE: Robin Williams e Jim Caviezel em

Violação de Privacidade.

“Se soubesse que toda sua vida está sendo gravada, você agiria diferente?”

Escrito e dirigido por Omar Naïm. www.playarte.com.br - 2004.

No interior do cinema, poucas pessoas (o filme parece não ter os atrativos que vendem mais, ou seja, o sexo e o grotesco) com vários interesses. Algumas vão ali para ver filmes, outras conversar. “Ficar”, talvez. Outras comem para conter a ansiedade. Os três adolescentes (duas meninas e um rapaz) sentados atrás de mim pareciam interessados em todas essas alternativas, menos na

primeira. Quanto ao filme, achei-o fantástico. Extremamente apropriado por convergir com muitas coisas que ando refletindo nos últimos dias. O assunto, qualquer um já deve ter deduzido, mas algumas surpresas houveram: Alguém já ouviu falar do “implante Zoe”? Tratava-se disto: Já no útero, o indivíduo recebe um implante no cérebro que irá acompanhá-lo por toda a vida, gravando suas memórias. Totalmente orgânico, cresce paralelamente ao crescimento do próprio cérebro. E a empresa que domina a tecnologia recomenda aos “pais-clientes” que 21 anos é a idade indicada para contar ao filho que tudo que ele vê e ouve faz parte de um arquivo que poderá ser acessado depois de sua morte. Contrários a esta nova forma de “lembrar os mortos”, os chamados “Hippies anti-Zoe” (termo pejorativo no contexto do filme) usam “tatuagens eletro-sintéticas” que teriam a propriedade de bloquear o implante a partir daquele momento. Pensei em Aldous Huxley (autor de “Admirável Mundo Novo”), que provavelmente ficaria espantado com esta ficção, mais ainda por sua *atualidade*.

Findado o filme, saí do cinema e cometi o “erro” de passar pela praça de alimentação. Um Mini-calzone de frango com catupiri (R\$ 1.90,00) e uma coca-cola lata (R\$ 1.80,00) foram as conseqüências. Talvez até preferisse outro refrigerante, mas meu cérebro geralmente não consegue variar, tamanho é o *poder do Marketing* sobre nossas “escolhas”. Foi então que resolvi começar a escrever este texto. Papel e caneta na mão, como no tempo antigo. Ninguém me perturbou. Era como se eu fosse “um estranho no ninho” por ali. Com certeza ninguém mais escrevia. (Literatura ou ciência *in loco*? quem sabe?). No andar de cima (dos jogos e do cinema), crianças de nove, dez anos, esticavam-se para ver uma cena de sexo na novela das sete, exibida simultaneamente por vários televisores suspensos na praça de alimentação. No andar de baixo, *Cyber Café* e *Lan House* lotados. Tomei coragem e falei com o vigia. Disse-me que ainda não há monitoramento eletrônico naquele Shopping, mas será implantado em um mês.

Fim do papel, mas não o fim do texto. Com a curiosidade cada vez mais aguçada e com toda a disposição, comecei a descer. Já era noite, mas só quando saí pelo calçadão me dei por conta disso. Espaço público bastante freqüentado por namorados e candidatos a “ficar”, não obstante o frio. Chimarrão e cerveja eram as bebidas preferidas dos jovens (faixa etária predominante ali). Além deles, os Hippies de verdade vendiam seus artesanatos e se escondiam da polícia para fumar maconha. Encontrei um amigo na esquina, esperando a namorada que

fotografava vitrines com uma câmera digital. Cumprimentei-o e não pude resistir: depois das formalidades, fiz duas perguntas interesseiras: “O que sua namorada está fazendo?”. Respondeu que “ela quer comprar umas coisas, e vai ver em casa!” (para mim, uma grande novidade). “E de Lazer, o que você faz?”. Sem titubear, respondeu: “Bebô!”.

Em frente, passei por skatistas praticando manobras. Indaguei na locadora de filmes quando o “Violação de privacidade” estaria disponível para locação. “Três meses, em geral, é o tempo que leva!” disse a moça que trabalhava. Aliás, surpreendi-me com a quantidade expressiva de pessoas que trabalham à noite em pleno feriado: Os artesãos, o cara do cachorro-quente, o senhor dos churros, o do “churrasquinho de gato”, os motoboys, o plantão Liquigás, o plantão da farmácia (todos os plantões, enfim), os motoristas e os cobradores de ônibus, os “camelôs”, os funcionários da padaria... foram apenas alguns alcançados por minha percepção, na superfície de toda esta complexidade que em grande parte com certeza me escapa. Ocultos, certamente estavam lá, de um lado a prostituição e o tráfico de drogas como representantes do trabalho ilegal (imoral), e na outra extremidade, as babás em seus sagrados ofícios.

Muito tenso e com um pouco de medo dos assaltos que sabe-se ocorrerem naquela região (e são a principal justificativa para as câmeras de vigilância do centro da cidade – talvez em pouco tempo, de qualquer cidade), e que não são praticados por Lazer como muitos pensam, comecei a dirigir-me para o terminal de ônibus. Marcava 19 horas e 41 minutos no relógio ao lado do viaduto. Passando pela Catedral Cristã do centro da cidade, vi um bêbado benzendo-se e continuando seu caminho e, logo depois, uma ambulância reduzir para salvar a vida de um cachorro vagabundo que atravessava a rua distraído. Mas isso talvez não importe tanto para o momento. Tudo findou quando, às 20 horas e 29 minutos, após quase uma hora de espera, meu ônibus chegou e embarquei, sentindo-me enfim seguro.

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Por respeito ao tempo que um leitor precisa dedicar para ler uma monografia - a leitura de outra leitura da realidade, nos termos de Paulo Freire (1992) -, consideramos que certas questões, certos aspectos referentes ao texto como sua natureza, sua intenção e mesmo seus limites devam ser apresentados com clareza logo no seu limiar. Serão estas questões que buscaremos clarear nesta apresentação.

Sendo assim, trataremos aqui, fundamentalmente, de **buscar melhor compreender o Lazer dos centros urbanos**.

Partimos do pressuposto que o Lazer, enquanto uma das dimensões do comportamento humano, é um fenômeno de grande complexidade e importância. Logo, abordá-lo de forma consequente exige que, antes de mais nada, o situemos em solo firme. Falar da sociedade no interior da qual ele se desenvolve fica sendo, portanto, uma necessidade inadiável, pois é sobretudo de um fenômeno social que estaremos tratando daqui por diante.

Sociedade é certamente um conceito muito amplo. Será conveniente, para o âmbito desta pesquisa, que o delimitemos um pouco melhor. Nossa análise pretende restringir-se ao Lazer dos *centros urbanos contemporâneos*, que poderiam ser exemplificados precariamente (pois é de uma visão essencialmente precária que partimos) pelo prólogo deste texto. Trabalharemos aqui com a idéia de que exista uma dinâmica/tendência mais ou menos comum no interior desses espaços, cujos traços mais marcantes tentaremos esboçar. Adiantamos nossa impressão de que as práticas cotidianas nestes centros urbanos parecem corroborar muitas das teses de Michael Foucault, em especial a das *Sociedades de Controle*, que tentaremos analisar mais adiante. Este foi o principal motivo para a escolha do título deste trabalho.

Nosso itinerário no decorrer deste texto será o seguinte: Partindo de uma tentativa de contextualização deste estudo representada pelo prólogo (relato voluntariamente prosaico que descreve um olhar sobre o centro urbano de Santa Maria-RS, tentando captar parte de sua dinâmica própria e algumas de suas

respectivas práticas de Lazer), passamos a esta apresentação, cuja pretensão resume-se a situar o leitor quanto à natureza do texto. Em seguida, no capítulo dois, buscaremos uma aproximação com alguns pressupostos teóricos aqui tratados metaforicamente como “lentes”, que servirão como instrumentos para ampliar nossa capacidade de observação e compreensão do fenômeno em questão. No terceiro e último capítulo, já de posse (relativa) daqueles instrumentos, realizaremos uma tentativa de problematização do Lazer, tomando como base o conceito *Sociedades de Controle*.

Esperamos que tenha ficado claro que não pretendemos abstrair o Lazer da realidade concreta da qual ele é parte, para, só então, analisá-lo. A grande dificuldade que emerge disto está em captar o movimento desta realidade; Pois uma realidade é, a rigor, sempre uma realidade em movimento, o que impõe a qualquer teoria que tente analisá-la uma forte limitação. A nossa, em particular, parece ser uma realidade em movimento *acelerado*. Não ousamos ainda indicar o sentido deste movimento. Nem tampouco leis que o definam. Apenas destacamos um de seus nuances por sua inquestionável pertinência: a *contradição*. Qualquer teoria que pretenda tratar um fenômeno de tamanha complexidade não deve, portanto, ignorar este movimento e muito menos suas contradições.

As fontes formais foram citadas ao final do texto, conforme o protocolo (nas referências), mas sejamos justos: foram e estão sendo muitos os que têm crédito com este estudo. Livros certamente, mas também os jornais, as revistas, um ou outro documentário, entrevistas, alguns programas de televisão, teatro, cinema, músicas, sítios na internet, diálogos com todo tipo de pessoas¹ também foram mediações às quais somos profundamente devedores, já que o que fizemos, a rigor, não foi senão ficar atentos às circunstâncias culturais que nos cercam.

Queremos fazer mais uma ressalva aos leitores: este estudo só pode ser considerado de caráter introdutório, dada a complexidade das teorias aqui tratadas e levando em conta que a leitura destes autores é muito recente para nós. Estamos, sobretudo, esboçando nossa interpretação sobre as mesmas. Nossa vontade é, portanto, que esta tentativa de discussão sobre o Lazer urbano contemporâneo (visando melhor entendê-lo) deva ser considerada tão somente como uma aproximação teórica do mesmo.

¹ Foi de muita valia, por exemplo, ter tido a oportunidade de conhecer, ainda que brevemente, a forma como se vive (ritmo, cultura etc.) no Estado do Tocantins e no Oeste da Bahia.

Estas considerações preliminares lograram êxito se conseguiram situar o leitor. Mas cabe ainda uma última coordenada: a um nível mais geral, e quiçá mais profundo, este esforço investigativo quer somar-se a outros esforços, sejam eles teóricos ou práticos, ou ambos, na *luta contra a realidade existente*. Sem pessimismo e com muita esperança é que se pretende contribuir para a transformação desta realidade numa outra. Para a busca de outra maneira de pensar e de viver. Para a superação da “fratura do fluxo social do fazer” (HOLLOWAY, 2003, p. 45-56 passim.)

Enquanto o poder-fazer é um processo de unir, o unir do meu fazer com o fazer dos outros, o exercício do poder-sobre é a separação. O exercício do poder-sobre separa a concepção da execução, o feito do fazer, o fazer de uma pessoa do de outra, o sujeito do objeto. Aqueles que exercem o poder-sobre são separadores que separam o fato em relação ao fazer e os fazedores em relação aos meios de fazer. (Ibid, p. 51)

Condição que acreditamos afetar a totalidade do tempo dos sujeitos, inclusive o dedicado a atividades de Lazer.

2. LENTES PARA OBSERVAR:

Humberto Maturana costuma dizer que “tudo é dito por um observador”.

Em primeiro lugar, antes de chegar ao que quero dizer sobre cognição, preciso frisar que não estou procurando um princípio explicativo. Em parte por que penso que princípios explicativos não funcionam: sempre que alguém tem um princípio explicativo, inventa um mecanismo para esconder aquilo que pretende explicar. Então, o que proponho fazer é especificar um problema, e especificar também o que penso ser uma explicação. Então vou discutir, segundo meu modo de ver, uma maneira de me dirigir ao problema. (Maturana em MAGRO(org.), 2002, p. 53)

Esta é uma idéia fundamental que irá determinar fortemente os rumos e a postura epistemológica deste trabalho. Estaremos caminhando na direção da pergunta mais adequada ao problema, sob o nosso ponto de vista. Sendo assim, o prólogo deste trabalho representa o olhar de um observador sobre uma realidade específica. Um contexto a partir de um olhar é, em última análise, o que ele representa. No entanto, é preciso considerar que qualquer olhar é guiado por “lentes”, sejam elas expressas ou ocultas (conceitos, valores, experiências – no fundo, potências e limites), e que a estas podem ser atribuídos diversos graus de eficiência no desempenho de sua função precípua, qual seja, potencializar o olhar.

Lentes sujas, embaçadas ou inadequadas para determinada distância, contraditoriamente, prejudicam o ato de olhar, independente da consciência disto por parte do observador. Por outro lado, lentes limpas, polidas e bem escolhidas (dentre as várias lentes que existem) podem permitir um alcance, uma precisão, uma distinção dos contornos bem melhores do que o olho nu conseguiria.

Uma multiplicidade de aspectos se entrecruzam naquele universo complexo e contraditório dos centros urbanos, onde o Lazer está se dando. Ainda não sabemos qual é o verdadeiro alcance do nosso olhar sobre ela. Sabemos apenas que a lente certa poderia ajudar-nos muito. Daí surgiu a necessidade do diálogo com outros olhares, ou seja, com pensadores que já tenham empreendido estudos anteriores que consideramos contribuições relevantes para a presente análise. Portanto, temos agora que **fixar algumas bases conceituais** que nos permitam ampliar a profundidade de nossa própria análise, de modo que possamos pensar criticamente o Lazer tal como se manifesta em contextos urbanos, na atualidade.

Neste capítulo, a título de instrumentos, pretendemos trazer à tona algumas contribuições que nos ajudem a fazê-lo. Primeiramente pensaremos o *tempo e a atitude, o espaço e os conteúdos do Lazer*, tomando emprestadas algumas definições apresentadas por Nelson Carvalho Marcellino. Em seguida, pretendemos dialogar com a noção de *Ócio Criativo*, apresentada por Domenico De Masi. No terceiro momento tentaremos refletir sobre três conceitos de Foucault: *poder, disciplina e controle*.

2.1 Tempo e atitude, o espaço e os conteúdos do lazer:

Não queremos desprezar os outros fatores que se relacionam com o fenômeno do Lazer. Sabemos que o emaranhado é bastante denso, e que por isso, vários estudos complementares (inclusive de diversas áreas do conhecimento) terão que ser unidos para equacionar de forma razoável tal fenômeno. Nós, por nosso turno, introduziremos a discussão destacando as quatro categorias apresentadas no título deste capítulo, que selecionamos por sua flagrante pertinência.

A breve análise que segue sobre cada uma delas se dará principalmente com base na obra “Estudos do Lazer: uma introdução”, de Nelson Carvalho Marcellino (2002). O primeiro é o *Tempo*, pois achamos que é fundamental discernir sobre o tempo em que se desenvolve o Lazer. O segundo é a *Atitude*, ou seja, o tipo de relação entre o sujeito e a experiência vivida (note que tempo e atitude aparecem propositalmente unidos no título deste capítulo). Em seguida, destacamos o *Espaço*, pois achamos relevante a compreensão do que são equipamentos específicos e não-específicos de Lazer no interior do espaço social. Por último os *Conteúdos*, pois achamos fundamental observar que os diferentes conteúdos das atividades de Lazer destinam-se a satisfação de distintas aspirações dos seus praticantes, evidenciando a opção como critério definidor do mesmo. Estes quatro suportes conceituais servirão ao nosso olhar daqui por diante, no momento de caracterizar o Lazer, para que possamos, enfim, problematizá-lo.

1. A primeira, precípua e mais contraditória categoria que nos interessa neste caso é o *tempo*. Que o Lazer ocorre num determinado tempo, ninguém discute. Mas qual tempo? Podemos dividir o tempo? Eduardo Soto (1996) apresenta-nos duas correntes de idéias que aparentemente vêm polarizando este debate já a algum tempo. Tratam-se dos *Segmentaristas* de um lado, e dos *Complementaristas* de outro.

La relación de tiempo de trabajo – tiempo libre, es jerárquica según los segmentaristas y la relación de tiempo de trabajo – *tiempo liberado* es complementaria según los complementaristas. Esa diferencia entre libre y liberado es substancial. Los segmentaristas entienden que el tiempo libre es autocondicionado, nada preciona al individuo para determinar que hacer en él. (SOTO, 1996, p. 1)

Já os complementaristas (como o próprio Eduardo Soto), defendem que o tempo em sociedade é um só, ou seja, o *tempo social*, e que todas as subdivisões que se possa fazer necessariamente estão relacionadas, já que o indivíduo é uno, indivisível. E defendem tal como fez Herbert Marcuse (sd. apud SOTO, 1996,p. 1) que “solo los hombres verdaderamente libre pueden elegir qué hacer en su tiempo libre”.

Não pretendemos avançar na discussão acerca dos limites do termo “liberdade”. Mesmo assim, é impossível seguir adiante sem tomar posição quanto a uma questão: os mecanismos de poder que atuam no controle sobre os indivíduos vêm sendo historicamente muito eficazes, sobretudo no Capitalismo, a ponto de tornar o significado da expressão “verdadeiramente livres” vago, remoto, abstrato... Esta forma de pensar nos sugere indagar as conseqüências disto sobre qualquer discussão relacionada ao Lazer, talvez o único campo do autêntico desenvolvimento da ação criativa – e criatividade (veremos este ponto com mais detalhes em De Masi), possui estreita relação com autonomia, “liberdade”.

Por outro lado, se as diferentes esferas que compõe o tempo (como é o caso do trabalho, do tempo liberado, do Lazer...) são complementares, isso quer dizer que de alguma maneira interagem mutuamente, ou seja, são interdependentes. Mudando uma, a outra também é alterada. Se o tempo de trabalho for alienado, o tempo liberado será também influenciado pela alienação, já que o sujeito é o mesmo. Note-se aí, novamente, a fragilidade do conceito “tempo livre” numa sociedade onde a alienação do trabalho acentua-se exponencialmente e a liberdade adquire um sentido muito relativo.

Considerando do ponto de vista histórico, tempo algum pode ser entendido como livre de coação ou normas de conduta social. Talvez fosse mais correto falar em tempo disponível. Mesmo assim, permanece a questão da consideração do Lazer, como esfera permitida e controlada da vida social, o que provocaria a morte do lúdico, e a ocorrência do Lazer marcada pelas mesmas características alienantes verificadas em outras áreas de atividade humana. (MARCELLINO, 2002, p. 8-9)

O que precisa ser considerado é fundamentalmente o fator obrigação. Onde houver obrigação de qualquer natureza na motivação de uma atividade, esta seguramente não será uma atividade de Lazer. Neste estudo passaremos a utilizar, portanto, o conceito de *tempo liberado* como dimensão do tempo onde a obrigação esta ausente e onde o Lazer pode efetivar-se, levando em consideração que estar liberado de obrigações não significa o mesmo que ser livre (algo bem mais amplo).

2. Marcellino, ao classificar o Lazer, nos chama ainda a atenção para o fato de que este, além de só se realizar na ausência de qualquer obrigação, só pode ser definido enquanto tal desde que seja observado, concomitantemente, o aspecto *atitude*. Para poder ser definido como atividade de Lazer, portanto, o aspecto tempo deve ser combinado ao aspecto atitude: “o simples isolamento de cada um pode provocar uma série de equívocos, decorrentes de situações nebulosas”. (MARCELLINO, 2002, p. 10)

Isso significa dizer que, se considerarmos apenas o tempo para caracterizar o Lazer, teríamos que dizer que tudo que se faz no tempo liberado é Lazer. Por outro lado, se tivermos em conta apenas a atitude, qualquer atividade prazerosa, de livre escolha e que traga satisfação pode ser tida como Lazer. Até uma atividade efetivada na esfera do trabalho, que via de regra é marcada pelo componente obrigação. Em suma:

podem ser destacados como fundamentais os aspectos tempo e atitude. O Lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade. O Lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas. (Ibid., p.8)

* * *

Outro aspecto que exige nos determos com certa prudência é o *tempo de desemprego*. É comum dizer que os desempregados, em geral os marginalizados, os excluídos do sistema produtivo (haja vista a carga pejorativa e o estigma que eles carregam em nossa sociedade) têm muito “tempo livre”. Este tipo de pensamento fica refutado se admitirmos que...

Considerando apenas a esfera das atividades profissionais – do trabalho, o tempo do Lazer situa-se no “tempo liberado”², portanto supõe a sua existência. Dessa forma, o tempo gerado pelo desemprego nunca poderá ser considerado tempo liberado, mas sim tempo desocupado. E desocupado devido a incapacidade do sistema econômico gerar trabalho. Além disso, pelas próprias características da situação de desempregado, a pessoa nessa circunstância não tem condições de desenvolver atitudes favoráveis para o desenvolvimento do Lazer. (Ibid, p. 11)

² Note que Marcellino está usando o termo *Liberado* num sentido distinto daquele que nós convencionamos para este estudo. Para ele, Liberado em relação ao trabalho. Para nós, Liberado em relação a obrigações de qualquer ordem.

Sendo assim, o mais adequado seria dizer que os mesmos têm grande parte de seu tempo voltado para a produção diária de sua existência (garantir as necessidades básicas de um modo imediato, em geral), o que distingui-se de um “tempo livre” onde possam fazer algo por livre escolha visando a própria satisfação.

3. Passamos agora ao terceiro aspecto que destacamos: o *Espaço*. Onde o Lazer ocorre? Qual local? Em que espaço? A resposta é surpreendentemente simples: qualquer um. Os dois primeiros aspectos, ou seja, tempo e atitude, eram imprescindíveis para caracterizar o Lazer, ao passo que o espaço pode variar livremente. Queremos dizer que o Lazer pode ocorrer em qualquer espaço, pois em qualquer lugar se pode, durante o tempo liberado (na ausência de obrigações, portanto), optar por uma atividade que proporcione satisfação ou até prazer ao sujeito. E isto será Lazer para ele, independentemente do lugar.

Por hora, basta que tenhamos claras duas categorias de equipamentos contidos no espaço social: os equipamentos específicos e os não-específicos de Lazer.

Todas as pesquisas dão conta de que a grande maioria da população, notadamente nos grandes centros urbanos, desenvolve suas atividades de Lazer, prioritariamente, no ambiente doméstico. O lar é o principal equipamento não-específico de Lazer, ou seja, um espaço não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la. (Ibid., p. 29)

Esta é, portanto, a definição de um equipamento não-específico, e este é o principal deles: a residência particular. Já os específicos são aqueles “espaços especialmente concebidos para a prática das várias atividades de Lazer” (Ibid., p.32). Por suas dimensões e pelo número de conteúdos que atendem, os equipamentos específicos podem ser classificados ainda em microequipamentos especializados (por exemplo o teatro, o cinema), equipamentos médios (centros comunitários etc.) e macroequipamentos polivalentes (grandes parques etc.).

4. Falta agora definir o que são conteúdos do Lazer? Quais são?

A realização de qualquer atividade de Lazer envolve a satisfação de aspirações dos seus praticantes. Há alguma coisa em comum entre o que se busca indo ao cinema ou ao teatro, e que difere das razões que motivam o desenvolvimento dos esportes, por exemplo. Enquanto no primeiro caso, a satisfação estética pode ser considerada como critério orientador, no segundo caso, via de regra, prevalece o movimento – o

exercício físico. (...) Os vários interesses que as aspirações pela prática do Lazer envolvem, formam um todo interligado e não constituído por partes estanques. A distinção só pode ser estabelecida em termos de predominância, representando escolhas subjetivas, o que evidencia uma das características das atividades de Lazer – a opção. (Ibid., p.17)

O entendimento desta citação, somado a classificação apresentada também por Marcellino: "...a classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais" (2002, p. 18), nos será útil mais tarde.

2.2 **Domenico De Masi e o ócio criativo:**

Em nossa tentativa de discutir algumas questões relacionadas à necessária e urgente análise crítica do fenômeno do Lazer, propomos agora uma reflexão sobre outra “lente” que consideramos de suma importância: a teoria do *Ócio Criativo*, elaborada por Domenico De Masi, que é hoje bastante recorrida.

Procuraremos aqui, na medida do possível, apresentar esta teoria da maneira como a vemos e levantar questões que julgamos imprescindíveis para um olhar crítico sobre a mesma. Mas não podemos tratar diretamente do *Ócio Criativo* sem antes contextualizá-lo no interior da obra de De Masi. Sendo assim, e a título de introdução, tentaremos um olhar panorâmico sobre o conjunto das suas teses, que como o próprio autor define, são surpreendentemente “simples”.

Sumariamente as resumiremos da seguinte forma: recentemente vivemos uma transição da sociedade industrial para a *pós-industrial*. Transformações profundas e aceleradas ocorreram neste processo de transição. Contraditoriamente, a maioria de nós tende a entender e viver a atualidade com os parâmetros da época precedente. Na sociedade pós-industrial, cada vez mais as novas tecnologias têm “poupado” mão-de-obra humana e aumentado a produtividade na esfera do trabalho. Como consequência direta, o *tempo livre*³ já é hoje a maior parte de nossa vida, e a maioria de nós não sabe o que fazer dentro dele, haja vista que fomos educados numa cultura que se preocupa quase exclusivamente em preparar-nos para o trabalho. Todo o enorme esforço do autor, evidenciado na sua constante argumentação (manifesta em larga produção teórica) consiste em “desencantar o conceito de trabalho, muito idolatrado, e valorizar o conceito de ócio, muito subestimado” (DE MASI, 1999, p. 347); visando, enfim, contribuir para a sedimentação de uma capacidade fundamental em nossa época: “transformar o ócio de um estado de passividade em um estado de criatividade”⁴. A isto De Masi chama *Ócio Criativo*.

³ Termo usado pelo autor, e do qual discordamos pelos motivos apresentados no capítulo anterior.

⁴ Domenico De Masi em BOLOGNA, J. E. **Diálogos Criativos**: Domenico de Masi : Frei Betto / mediação e comentários José Ernesto Bologna - São Paulo: DeLeitura Editora, 2002, p. 85.

É essencial que tenhamos em vista que as teses de De Masi, em particular a da sociedade pós-industrial, sedimentam-se sobre categorias no mínimo polêmicas. Nos deteremos um pouco neste ponto: o principal fator desta mudança é atribuído ao progresso técnico-científico (que é visto com grande entusiasmo pelo autor), o que colocou o conhecimento em primeiro plano, desencadeando uma nova divisão internacional do mercado. Antes, nas sociedades industriais, cujo centro do sistema era ocupado pela produção em larga escala de bens materiais, tínhamos uma bipartição: os que produziam matérias-primas (que via de regra eram os países pobres, atrasados) e os que compravam essas matérias-primas para industrializá-las e vendê-las à suas colônias (os países ricos, detentores dos meios de produção). Atualmente, segundo o autor, a ênfase está na produção dos bens imateriais, isto é, das informações, dos serviços, dos símbolos, dos valores e da estética. A bipartição deu lugar a uma tripartição, que hoje se apresenta da seguinte forma: *Os países de primeiro mundo*, que têm economias direcionadas fundamentalmente para

...os meios de ideação, ou seja, os laboratórios de pesquisa, as universidades, os estúdios cinematográficos e televisões, os satélites e os outros meios de comunicação, os bancos de dados, as editoras com que produzem pesquisa científica, pesquisa tecnológica, licenças, programas televisivos, filmes, música, entretenimento. Esses poucos países que monopolizam a produção de idéias e das informações não estão absolutamente interessados em produzir bens materiais, porque a produção desses bens não convém economicamente, polui, cria conflitos de classe etc. (De Masi em BOLOGNA, 2002, p. 40-41)

Em seguida temos o *segundo mundo*, composto por países “emergentes” que hoje, tardiamente, orientam suas economias para a produção dos bens materiais. Como exemplo, observe-se a notória migração das indústrias automobilísticas do primeiro para o segundo mundo, grupo onde encontra-se o Brasil. Existe ainda uma terceira categoria, definida como o *terceiro mundo*, formado por países que, em troca de ajuda, limitam-se a fornecer matérias-primas a baixo preço, mão-de-obra disposta a trabalhos precários, espaço em seu território para bases militares e, em um sentido mais amplo, absoluta subordinação política⁵.

Em cima deste esquema (os que pensam, os que fazem e os que consomem passivamente), de Masi fundamenta toda a sua abrangente análise sociológica. Vale lembrar que num mesmo espaço social (um país, por exemplo)

⁵ As exceções a este terceiro grupo, como por exemplo o Iraque, são imediatamente “reprimidas e colocadas no seu devido lugar”. (Ibid, p. 41)

coexistem as três tendências, mas sempre com a predominância de uma sobre as demais.

Feita esta exposição, fica para nós, indivíduos que habitam o segundo mundo, alguns questionamentos: Estas teorias se verificam na prática? O “tempo livre” aumenta? O ócio criativo é possível?

Uma constatação parece plausível: na atualidade já seríamos capazes de trabalhar poucas horas e produzir o suficiente para a vida, e diríamos ainda, uma vida infinitamente melhor, desde que o trabalho e a riqueza fossem redistribuídos simetricamente. Entretanto, ocorre o inverso: a tecnologia, a mesma vista com idolatria por De Masi, acentua a exploração do trabalho na medida em que não é empregada ao bem estar humano, mas ao lucro (à reprodução e ampliação do Capital).

O “porque” deste fato talvez seja melhor entendido com a ajuda de Karl Marx, quem contradisse com grande eloquência este senso-comum da positividade do progresso via tecnologia em sua *teoria da composição orgânica do capital* (MARX, 1980) . Através de sua dialética, fica claro que a empresa capitalista precisa investir sempre no aumento da produtividade para competir com preços melhores no mercado. Isto faz com que aplique uma receita muito simples e contraditória: investimentos maciços no capital constante e a correspondente tendência a prescindir do trabalho humano (Capital Variável) visando uma lógica redução de custos.

Logo, a tecnologia por si só (ignorado o seu emprego) não diminui o trabalho e amplia o “tempo livre”, libertando os indivíduos para a fruição de outras dimensões da vida (inclusive o Lazer), como apressadamente se possa imaginar. Na verdade, a história vem mostrando que esta mesma tecnologia, quando a serviço da lógica do Capital, vem ampliando o desemprego, que é um traço estrutural deste sistema econômico e, acima de tudo, difere substancialmente da noção de tempo liberado ou mesmo “tempo livre” (ver item 2.1, do capítulo dois).

No entanto, não podemos penalizar a tecnologia em si, mas sim o seu emprego (já que no fundo estamos tratando de uma ferramenta), pois não falamos de uma tecnologia que flutua fora da sociedade, nem de um trabalho qualquer. O trabalho, tanto na sociedade industrial como na *sociedade pós-industrial* (para De Masi), ainda é o trabalho assalariado, alienado, assim como a sociedade ainda é a sociedade capitalista.

Vejamos um exemplo muito ilustrativo: sou usuário assíduo do sistema de carona para chegar a escola onde leciono. Um dia desses peguei carona com um caminhoneiro de 22 anos. Façamos uma breve observação do seu caso específico para nos inspirar a pensar no geral: começou a trabalhar com 15 anos (vendendo cachorro-quente) e, desde então, nunca mais tirou férias. Trabalha em média 15 horas por dia e, quando chega em casa, costuma dormir e sonhar com a estrada (relatou-me que seu cunhado, também caminhoneiro, várias vezes já levantou, foi até o caminhão e ligou-o, sem acordar).

Além disso, possui problemas de coluna certamente adquiridos pela atividade laboral, pois ele mesmo tem que ajudar a carregar e descarregar seu caminhão. Recentemente, seu meio de trabalho (pela primeira vez nos quatro anos que o dirige) estragou seriamente, obrigando-o a ficar de quinta-feira até a terça-feira seguinte com tempo liberado. Podia fazer várias opções, mas preferiu o mesmo passatempo principal: dormir e assistir tv. Perguntamos: ele é uma exceção? Os pedreiros são uma exceção? Os coveiros são uma exceção? Mesmo os professores são uma exceção?

Na verdade não. O trabalho manual, repetitivo, enfadonho e até inútil está longe da extinção em nosso contexto, que é profundamente diferente do europeu, onde vive de Masi. Além disso, no geral, nem os empregados, nem os profissionais liberais, nem grande parte dos patrões e muito menos os desempregados (que já são muitos e crescem a cada instante) alcançam esta fruição ideal chamada *Ócio Criativo*.

O Lazer, por ser atividade vinculada ao tempo liberado, talvez seja o único espaço onde, em última análise, é verdadeiramente possível criar autenticamente. Mas a criatividade, e nisto concordamos com De Masi, é um traço raro na nossa cultura. Nossa sociedade é, tradicionalmente, marcada pelo aniquilamento da criatividade.

É possível deduzir que muitos outros personagens anônimos dedicam a maior parte do seu tempo ao trabalho alienado. E infelizmente o tempo liberado, o Lazer e o *Ócio Criativo* (para os que o alcançam), são momentos raros, que contrastam com um tempo que é dedicado predominantemente ao consumismo dos produtos e à assimilação passiva das modas e dos comportamentos idealizados bem longe daqui, no primeiro mundo.

Se efetiva e contraditoriamente aumentam as pessoas que ficam à margem do sistema produtivo, seja pelo sugerido processo de automatização da produção e conseqüente desemprego, seja pelo aumento da população, seja pela maior longevidade, seja pelo maior tempo de escolarização bem como vários outros fatores que não citaremos aqui; se, enfim, o tempo fora do trabalho aumenta, acreditamos que seja preciso uma série de ações paralelas que tanto lutem por trabalho digno para todos, como pelo direito inalienável ao Lazer, ou ao (bem entendido) Ócio Criativo.

2.3 Foucault

Tentar atribuir um rótulo a Foucault é tarefa certamente difícil. Vários já tentaram (anarquista? Estruturalista? pós-moderno?) e não lograram êxito. O que não é tão difícil é perceber a relevância de seu trabalho para a compreensão de nossa vida cotidiana. O confronto com a realidade mostra que as aproximações teóricas de Foucault são ferramentas de análise essenciais para entender a atualidade. No caso particular deste trabalho, será especialmente através de suas teses que tentaremos caracterizar os traços mais marcantes dos espaços urbanos contemporâneos, para, no capítulo seguinte, tentar aproximar estas noções do Lazer que lá se efetiva, a fim de problematizá-lo.

Um volume muito de grande de estudos baseados em sua teoria vem sendo produzido, e certamente outros já fizeram análises muito melhores ou mais completas do que a que pretendemos para este momento. Por nossa vez, mesmo correndo o risco de cometer uma simplificação excessiva, desejamos aqui tão somente expressar nosso entendimento sobre três de suas idéias. Primeiro seu conceito de *poder*. Segundo a sua definição de *sociedade disciplinar*. Por último o que entende por *sociedade de controle*.

Quanto ao primeiro ponto, o introduziremos a partir da seguinte citação:

Há uma forma de pensar fundamentada em um modelo específico de poder que influenciou fortemente tanto nas ciências sociais quanto nas humanidades e nas artes. Não é surpreendente que tenha sido chamada de “pensamento estatal”, já que é o modo de pensar baseado na aceitação de que o poder é propriedade do estado. Olhando através da lente deste pensamento, o Estado domina o espaço urbano ou deveria dominá-lo. Sem dúvida, o Estado está obcecado com a organização do espaço, mas isso é apenas parte da história. O espaço frequentemente existe sem mudança, sem intervenção alguma do Estado, outras vezes muda drasticamente, apesar das tentativas do Estado para prevenir essas mudanças; isso sugere que o Estado não produz o espaço nem o organiza independentemente de outros atores. Temos que buscar outro modo de pensar e outro modelo de poder para considerar de novo o espaço urbano e suas conexões com a vida. (Wammack em UNÔMADE SM, sd, p.1)

Foucault seguramente se encontra entre os que buscam um novo modelo de poder, já que ele refutou a idéia (diríamos o senso-comum) de poder enquanto um objeto, enquanto coisa a ser possuída. Na verdade ele parece inverter

a maneira pela qual se via o poder, ou seja, uma visão focada no centro, que não poucas vezes leva ao entendimento de que o poder é propriedade do Estado. TIBURI; KEIL (2004) assim resumem a questão: “Poder, para o filósofo, são práticas ou relações, não somente o Estado, que aparece apenas como um articulador do poder”.

Ao tentarmos trazer estas idéias para o âmbito deste trabalho, devemos considerar, portanto, que o espaço social, e, em particular, o espaço urbano, é palco de uma multiplicidade de relações de poder. Neste emaranhado de forças transitam e atuam os indivíduos, e é ali que se dão suas práticas, seus comportamentos. Não há dúvida de que estas forças influenciam sobremaneira nas ações e na forma de ser de cada um(a), inclusive em seu Lazer, aspecto que particularmente nos interessa neste estudo. Desta forma, começamos a ampliar nossa visão na medida em que recusamos a compreensão estreita que atribui exclusivamente ao Estado o mérito e/ou a culpa pela qualidade e a quantidade do Lazer vivido.

Arriscaremos resumir provisoriamente esta questão da seguinte forma: é a *cultura* o conjunto maior onde residem estas múltiplas forças. A relação dialética indivíduo-cultura é o que define seu ser e sua postura de vida, e que determina, em grande medida, também seu Lazer (tanto no que se refere às opções quanto às imposições, ocultas ou expressas, relativas às práticas de Lazer). Logo, justifica-se nossa preocupação em discutir sociedade, poder/relações de poder e cultura para poder tratar de um Lazer correspondente a estas.

Mas existem ainda alguns pontos importantes também relacionados ao conceito de poder elaborado por Foucault, sobre os quais devemos nos deter. Vejamos a seguir algumas assim chamadas “regras de prudência metodológica na consideração do poder” extraídas do caderno de debates *Theatrum Mundi* (Seminário impartido en Marzo de 1999 en el Centro social Casa de iniciativas por María Victoria Parrilla), fundamentadas nas suas idéias:

- 1.No hay que analizar las formas regladas y legitimadas del poder en su centro, sino tratar de agarrarlo en sus extremidades, en sus instituciones más regionales, periféricas, donde adopta, no la forma de grandes principios jurídicos, sino de técnicas que parecen neutras o sin importancia;
- 2.No situarse en el terreno de las intenciones, de las decisiones, no preguntarse por quién detenta el poder, sino ver cómo se han ido constituyendo los sujetos, qué instancias materiales nos están constituyendo;
- 3.No considerar al poder como algo masivo o algo que tienen algunos que utilizan sobre otros, sino que el poder circula, y funciona en las

organizaciones reticulares. Sobre todo, el individuo no es un átomo inmóvil, inerte sobre el que se aplica el poder. Como si el individuo estuviese pleno, completo y disfrutando: todo lo contrario, el individuo es un efecto del poder através de la constitución del sujeto categorizado y construyendo a su deseo;

4.El análisis del poder debe hacerse de abajo arriba, rastreando las tácticas locales que luego se generalizan. Como por ejemplo los castigos y refuerzos en la escuela, el DNI, el manicomio, el examen etc;

5.Foucault dice que el poder es más y menos que una ideología, ya que tiene un peso más fuerte porque son acciones que se materializan, pero no tiene un entramado acabado, ni superplanificado, sino que es la conexión de diferentes prácticas, es la puesta en circulación de aparatos de saber que se complementen. (BIOPODER, 1999, p. 4)

Observe que são afirmações muito significativas as que agora tomamos contato. Consideramos que daqui para frente, após aceitar que o poder fundamentalmente não é uma coisa, não pode ser conquistado ou tomado, que é “...un efecto de conjunto que penetra todas las manifestaciones sociales” (Ibid., p.2), nosso entendimento sobre a cultura da qual participamos (determinando e sendo determinados) se altera profundamente. Também deveremos, sem dúvida, alterar nossa forma de ver o Lazer, por também estar contido nesta compreensão de cultura. De uma visão simplista baseada na premissa de que o poder é propriedade do opressor, do dominador, ou que o poder proíbe apenas, e que a luta pela transformação consiste em tomar o poder⁶, somos obrigados a avançar na direção de sua “microfísica”.

Complementando esta questão, trazemos para este debate Maria Faermann Eizirik, que listou o que Deleuze chama de “as três rúbricas” em que se desenvolvem as teses de Foucault sobre o poder.

O poder **não é essencialmente repressivo**, já que incita, suscita, produz; **ele se exerce**, antes de se possuir (já que se possui sob uma forma determinável – classe- e determinada – Estado); **passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes** (já que passa por todas as forças em relação). (Deleuze apud EIZIRIK, 2002, p. 65-66).

Já na obra do próprio Foucault (cuja totalidade obviamente ainda não conhecemos), que atravessa diferentes eixos temáticos mas parece sempre convergir para o tema do poder, *Vigiar e Punir* parece ser o texto que mais profundamente o analisa, pois é onde desenvolve suas teses sobre a *ciência da disciplina*, o segundo conceito que destacaremos no presente trabalho (uma das mais importantes formas que o poder já assumiu, e que ainda vigora fortemente).

⁶ Para conhecer um eloquente argumento oposto a esse, ver HOLLOWAY, Jonh *Mudar o Mundo sem tomar o poder* – São Paulo: Viramundo, 2003.

São elas: a *espaçialização*, o *controle minucioso da atividade*, a *vigilância hierárquica*, a *sanção normalizadora* e o *exame*⁷.

Segundo o autor, foi no século XVIII que o poder, incorporando novos esquemas de docilidade, novas técnicas de controle e adestramento do corpo, assumiu sua forma disciplinar pela primeira vez.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 2004, P. 119).

Este efeito de poder se espalha epidemicamente pela sociedade, sendo incorporado gradativamente por todas as instituições sociais. Não ousamos aqui querer resumir toda a minuciosa e cuidadosa genealogia da disciplina produzida por Foucault, mas já podemos lançar a seguinte pergunta: Ocorreria a alguém a idéia de que o Lazer manteve-se isento de tudo isso? O poder (“ambicioso” por natureza) iria ignorar o Lazer? Com certeza, a idéia de um Lazer “puro”, em oposição a um trabalho maculado, já não nos serve mais. Resta saber um pouco mais sobre o Lazer concreto, enquanto atividade do corpo que, como vimos, é um efeito do poder, fortemente determinado por este.

Parece que o poder disciplinar não se restringe ao ambiente da empresa, ou da escola, ou a qualquer outro dispositivo de confinamento, como talvez muitos pensem, mas sim que ele invade sem licença todas as dimensões da vida (de forma não-contínua), através de suas tecnologias, seus dispositivos de controle, coerção, indução...seus efeitos, enfim. “O poder disciplinar não pune, somente; ele também recompensa. Seu objetivo é produzir corpos dóceis; corpo que se manipula, se modela, se treina e obedece; corpo cujas forças se multiplicam, se torna hábil; corpo útil”. (EIZIRIK, 2002, p. 64)

As *sociedades disciplinares*, entendidas aqui como aquelas onde o correspondente poder desenvolveu-se e alcançou sua preponderância na forma da disciplina, atingiram seu apogeu no início do século XX e têm como principal “mérito” proceder...

⁷ Ver com mais detalhes em *Vigiar e Punir*, especialmente na terceira parte deste livro.

à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico. (DELEUZE, 1992, p.219).

O confinamento é o meio por excelência pelo qual o poder disciplinar controla, esquadrinha, organiza e distribui as operações do corpo bem como impõe sua sujeição. Mas o confinamento é uma tecnologia sob crise de legitimidade e/ou funcionalidade, idéia apresentada a seguir:

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um “interior”, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, com prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. (Ibid, p. 220)

A escola é, como vimos na citação acima, um destes meios. E como tal, encontra-se também em crise. A seguir, abriremos um parêntese para tratar com mais detalhes dela. Queremos aqui destacá-la dentre os demais como um dos mais importantes meios de confinamento, pelo fato de que a mesma, organizada fundamentalmente a partir da lógica disciplinar (resguardadas as poucas exceções), representa para nossa época um ponto de passagem obrigatório para qualquer sujeito inserido na sociedade. É a escola obrigatória, gratuita e universal que marcará para sempre a forma de pensar e viver de todos que por ela passam. (Correa em PEY(org.), 2000, p. 51)

Tentaremos defender a idéia de que neste espaço circunscrito há uma forte tentativa de sobrevivência do poder disciplinar, enquanto que a sociedade, de maneira geral, vem se reconfigurando sobre novas bases. Desta dissonância entre escola e sociedade, onde o *controle* vem substituindo a disciplina sem muita resistência (transição muitas vezes recebida com visível entusiasmo, especialmente porque se apresenta, em geral, com a roupagem da modernidade, do progresso, da ordem, da segurança...) nasce uma situação de *crise* sobre a qual pretendemos nos deter um pouco mais.

Michel Foucault, filósofo e psicólogo de formação, foi além disso “um pensador de muitas faces” (RIBEIRO, 2005, p. 44). Percorreu vários campos do

conhecimento com desenvoltura e profundidade incomuns, e isto se reflete tanto no conjunto de sua obra como na extensa bibliografia produzida a seu respeito. Dentre suas faces, há também a de um brilhante professor.

Titular da cátedra do Collège de France, de 1971 até o ano de sua morte (1984), encarnava um ritual cênico: acendia uma luminária, afastava os gravadores e começava a falar com a coerência de quem escreve. Vivia a sala de aula como palco de ebulição de idéias, apresentando em primeira mão as novidades de sua pesquisa (...) Essas aulas de Foucault tornaram-se míticas. Conta-se que mais de 500 pessoas disputavam espaço em um anfiteatro de 300 lugares (...) O tamanho do gênio estava à mostra ao fazer da rotina de aulas o momento magno que anunciava a mudança dos rumos do pensamento do século 20 e do século que vemos nascer. (TIBURI; KEIL, 2004, p. 6)

Ser professor exige, dentre outras coisas, que se tente entender a sociedade, campo de desenvolvimento da educação, tarefa à qual Foucault dedicou-se com obstinação. Mas nenhuma análise social pode estar completa se aceitarmos o princípio do seu movimento perpétuo. Nossa tarefa docente é hoje, de certa forma, a mesma. Mas a configuração da sociedade tende a ser outra.

Com base na nossa própria experiência profissional neste campo, podemos afirmar que estamos cotidianamente em contato com sinais desta transição. A escola, assim como as demais instituições que compõem e mantêm a engrenagem social, passam por um estremecimento. Na verdade, estamos tratando de uma crise sem precedentes.

um dos sintomas da crise da humanidade é a crise dos seus quatro pilares institucionais: a família, a escola, a Igreja e o Estado. Quando eu era adolescente, em Minas Gerais, uma pessoa sadia e normal era aquela que se adequava perfeitamente aos quatro. Uma pessoa não tão normal era aquela que destoava de um dos quatro. Hoje, os quatro estão em crise. A família, pela mudança de papéis sexuais, formas de educação, relações de gênero. A Igreja, porque a experiência espiritual transcende os seus limites institucionais, além do que muitas pessoas praticam uma “religião” própria (...) A escola, por que foi demasiado cartesiana (...) Por fim, o Estado (que) com essa política neoliberal, foi enxugado, asfixiado, confinado, desmoralizado e, com isso, nós hoje temos uma situação esdrúxula⁸.

No interior da escola, os professores (e falamos a partir do ponto de vista deles) percebem apenas de forma difusa esta questão, e a enfrentam quase sempre através de alternativas didáticas pouco eficazes. Em casos extremos, e infelizmente muito numerosos, o autoritarismo parece renascer sob nova roupagem, impulsionado pelos mecanismos de defesa subjetivos e justificado pela vontade de impor limites, “já que a família não o faz” (outra instituição sobre forte crise). Paulo

⁸ Frei Betto em BOLOGNA, J. E. **Diálogos Criativos**: Domenico de Masi : Frei Betto / mediação e comentários José Ernesto Bologna - São Paulo: DeLeitura Editora, 2002, p. 67.

Freire certamente lamentaria este fato, mais ainda se soubesse que muitas dessas escolas (talvez a maioria) recorrem ao seu nome ao elaborarem seus projetos político-pedagógicos.

O “grito” do *poder disciplinar* tenta desesperada e diuturnamente conter a indisciplina dos alunos, arrastá-los para dentro da “normalidade” (expressa pela noção de “bom aluno”) e, enfim, restabelecer a “ordem” (leia-se “ordem disciplinar”). A escola, através da normatização de suas relações, quer dar um basta a falta de interesse, falta de atenção, aos celulares inconvenientes, aos namoros ousados (e efêmeros), às drogas, à violência por parte dos alunos...

A linguagem também é fator relevante na análise desta crise. Há um obstáculo muito grande na comunicação intergerações na atualidade. A juventude contemporânea (sobretudo a urbana) trás de fora da escola, de suas experiências, das mídias que consomem (especialmente do vídeo-game, do computador e da comunicação via internet), uma linguagem fundada no mundo da “fragmentariedade, na expressão partida e incoerente” (MELUCCI, 2001, p. 102), que surge apoiada sobre novos signos lingüísticos - quase um novo dialeto. Ocorre que esta linguagem não encontra interlocução num ambiente de ensino formal que tem como um de seus mais fortes princípios de existência reproduzir o padrão culto da Língua.

Deste universo emana uma sensação de belicismo, de conflito, de vozes sendo sufocadas, subjetividades contidas e induzidas na direção de parâmetros de formação defasados e, sobretudo, de criatividade sendo conseqüentemente tolhidas, tal como De Masi já vem denunciando a algum tempo. O poder habita também este espaço, lá onde as relações humanas se entrelaçam. A disciplina não aceita retrocessos em sua hegemonia. Não sem resistência. A situação às vezes beira o descontrole, passando pela agressividade simbólica e/ou física que pode brotar tanto de um lado como de outro, e, em níveis extremos, chega a virar caso de polícia⁹.

Desta maneira, o que se pode afirmar de mais ou menos geral é que o sentimento de incômodo está na superfície de todos estes comportamentos. O aluno e o professor, assim como os demais participantes da comunidade escolar, estão separados por mediações nocivas a qualquer pedagogia. De que forma agir frente a esta questão? Pensamos que da falência da comunicação e do diálogo renasce o

⁹ Recentemente noticiou-se na mídia televisiva as imagens de um policial americano dando voz de prisão à uma menina de dez anos, dentro da escola.

autoritarismo, a licenciosidade e outros subprodutos da educação formal, no ambiente escolar. Estes **são nutridos pela ignorância e incompreensão de nosso presente**, profundamente relacionado à metamorfose disciplina-controle que antes nos referíamos. E daí até a discrepância de nossos métodos pedagógicos existe um ínfimo espaço. Note que não se trata de defender o controle nem a disciplina. O que queremos é compreender o processo em curso, onde, repetimos, o controle parece estar substituindo a disciplina.

Controle: este será o terceiro ponto da teoria de Foucault que elegemos tratar neste trabalho. A idéia central para se chegar até ele é que o Capitalismo contemporâneo passa por uma transição que vai do *modelo disciplinar* ao *modelo de controle*.

“Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. (DELEUZE, 1992, p. 220)

Ainda para Deleuze, “O Controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (Ibid., p. 224). Confrontemos esta afirmação “teórica” com a realidade empírica em que vivemos, exemplificando-a através de uma certa tendência evidenciada no conteúdo destas notícias, extraídas recentemente da mídia:

1. (Uma menina)começou a freqüentar a Escola de Educação Infantil Mundo do Bebê há pouco mais de um mês. (...) (sua mãe) teve um recurso extra para acompanhar o período de adaptação e diminuir a ansiedade característica dessa estréia. Nove câmeras, distribuídas entre salas de aula, entrada do prédio e pátio, permitem que os pais tenham acesso às imagens a partir de qualquer computador conectado à internet”. (Jornal Zero Hora de 11/04/2005)

2. Existem escolas oferecendo um curso grátis de espanhol para quem se matricula no seu curso de inglês. Na minha opinião, fazer dois cursos de idiomas ao mesmo tempo não é uma atitude correta; ao contrário, a tendência é causar confusão (...) Por outro lado, não acho necessário estabelecer uma idade mínima para iniciar o aprendizado de um idioma estrangeiro. De acordo com o que se sabe atualmente, quanto mais cedo uma criança for exposta aos sons de um outro idioma, mais fácil será para aprender a pronúncia desse idioma. (Prof. Roberto Henry Ebel, Jornal do Comércio, s. d.)

3. Desde a hora que sai de casa pela manhã, para trabalhar até a noite, na faculdade, Tathiane é observada por olhos eletrônicos. São quase doze horas de movimentos vigiados;
– Não incomoda (diz ela). Me sinto segura e muitas vezes esqueço delas;
A rotina de (...) é semelhante à de um número cada vez maior de pessoas sob o controle digital nos centros urbanos;

A expansão das câmeras- empresários estimam crescimento de 30% a 40% em 2003- transforma os ambientes em uma espécie de Big Brother sem confinamento;

-A câmera tem sido útil. Se o meliante sabe que tem sistema de vigilância, vai roubar em outro lugar- diz José Alceu Marconato, presidente do sindicato de lojas da capital (Gaúcha) (Sindilojas);

Estimativas do Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino Privado apontam que mais de 30% das escolas gaúchas têm câmeras nos portões. Muitas já adotaram o equipamento em seu interior. (Jornal Zero Hora, 07/03/04)

4. Abatido com a morte por envenenamento de 73 de seus animais, o Zoológico de São Paulo resolveu também se protege contra o furto e recorreu a tecnologia de monitoramento. Cada animal terá implantado no corpo um chip conectado a satélites, a exemplo do que já ocorre com automóveis, recurso que também é vendido para ser implantado em seres humanos como proteção a seqüestros. (Jornal Folha de São Paulo, 11/04/04)

São todas notícias escolhidas a título de provocação. Delas, bem como do episódio descrito no prólogo, sobrevêm, ao menos de nossa parte, um princípio de estranhamento com nossa própria cultura, que gera um incômodo. Que tipo de sociedade é esta onde a vigilância assume tal grau de continuidade? Como isso pode interferir no comportamento humano? Duas questões cujas respostas não almejamos responder, pois seriam de proporção demasiado ampla e transcenderiam os limites deste trabalho. Mas insistimos em pensar que este grau de controle, apenas exemplificado pela questão da vigilância eletrônica, mas que abrange uma série de outros dispositivos, sejam eles físicos ou psicológicos (muitas vezes mais sutis, como é o caso da formação precoce e da própria formação continuada), é fator determinante do fenômeno do Lazer. Se o poder atua ao nível das relações cotidianas, ao nível das ações, das opções, determinando os desejos, as aspirações e as necessidades, os conceitos e os valores, seu novo modelo, ou seja, o controle, amplia ainda mais a dominação sobre os corpos - e sabemos que são estes mesmos corpos que praticam o Lazer -, isto tratando-se de qualquer opção por conteúdo particular ou de qualquer espaço social (específico ou não à prática do Lazer).

Esta é, sobretudo, a conformação do Capitalismo na atualidade. Este é o aspecto que vem cada vez mais sendo assumido pelos centros urbanos.

O espaço urbano contemporâneo, portanto, é marcado pela ascensão do controle como nova forma de gerenciar, manipular, modelar, esculpir os corpos e suas práticas, ampliando as formas de dominação já bastante eficientes operadas pelas disciplinas, mas em certo sentido limitadas (por serem ostensivas e muito custosas do ponto de vista econômico).

Tentaremos, no capítulo seguinte, uma aproximação entre este tipo de contexto e o Lazer que ali ocorre. Sabemos que esta é uma pretensão bastante dificultosa, dada a sua complexidade. Vários estudos empíricos certamente se fazem necessários para complementá-la, já que as sociedades de controle são aquela realidade em movimento acelerado à qual nos referíamos na apresentação deste estudo. Mas vamos adiante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio para este terceiro e último capítulo é, como vimos, problematizar o Lazer contemporâneo, especialmente o que ocorre nos centros urbanos. Só podemos fazer isso com responsabilidade se nos esforçarmos em adquirir instrumentalização teórica para tanto (dado que esta não é tarefa nada simples), e foi este o propósito do capítulo anterior. Todos os autores ali tratados, independentemente de suas diferenças, foram escolhidos por serem considerados, em maior ou menor grau, pertinentes a este estudo, úteis sobretudo para alicerçar a problematização que desejamos realizar. O que passaremos a fazer agora não é senão uma tentativa de articulação de algumas de suas idéias – aquelas destacadas por nós – na direção desta problematização.

Desde o início, sempre fizemos referência aos espaços urbanos contemporâneos. Procuramos admitir sua complexidade e seu caráter contraditório, bem como nossa grande limitação em entendê-los. Certamente esta limitação ainda existe, mas talvez tenha diminuído um pouco através do contato com as idéias de De Masi e Foucault relativas ao contexto atual. O primeiro defende o conceito de *Sociedade Pós-Industrial*; O segundo, por sua vez, após realizar a genealogia das disciplinas, introduz a definição de *Sociedades de Controle*.

Mesmo discordando parcialmente de De Masi – julgamos o significado que atribui ao referido conceito excessivamente apologético, além de estar sedimentado sobre pressupostos visivelmente contraditórios quando submetidos à comparação empírica com a realidade (especialmente a brasileira) - somos capazes de admitir características plausíveis entre as que ele aponta ao definir a sociedade pós-industrial (uma delas é a afirmação de que a cultura “industrial” – entendida aqui como a cultura atualmente hegemônica - é marcada pelo castramento maciço da criatividade, no âmbito de todas as suas instituições), e, conseqüentemente, sua relevância para o entendimento mais preciso de nosso contexto. Mas é em Foucault que encontramos uma maior correspondência de suas teses com a atualidade. Por este motivo, quando tratarmos de contextos urbanos contemporâneos, estaremos falando de espaços sociais onde se entrelaça um emaranhado de relações de força,

ou melhor, *relações de poder*, similares àquelas que definem, para o autor, as sociedades de controle. Sociedades cujo modelo predominante de poder encontra-se em transição, gerando circunstâncias de crise.

O próximo passo a ser dado é fundamental para o conjunto deste estudo; Precisamos agora focar nosso olhar sobre o Lazer neste tipo de sociedade, pois a um modelo de sociedade marcado por características particulares obviamente corresponde um modelo particular de Lazer, ao menos enquanto tendência. Assumir esta tarefa ignorando as categorias que tomamos contato através de Marcellino (Tempo/Atitude, Espaço e Conteúdos do Lazer) seria, do nosso ponto de vista, uma atitude teórica inconseqüente que acabaria impondo grandes chances de fracasso ao presente estudo, visto que sem estas categorias éramos efetivamente incapazes de distinguir o Lazer do Não-Lazer, não sem cair freqüentemente em equívocos grosseiros. Um novo olhar sobre o episódio narrado no prólogo certamente já seria mais preciso neste sentido.

Somos conduzidos a afirmar, após aquela instrumentalização, que nas sociedades de controle o que se percebe não é o aumento do tempo liberado (imprescindível ao exercício do Lazer), nem tampouco do “tempo livre” (como insiste De Masi). Pelo contrário, a tendência geral parece ser do tempo ficar cada vez mais comprometido, se tomarmos como critério definidor para esta constatação o fator obrigação *em seu sentido amplo*. Obrigações de qualquer ordem, e não apenas as de natureza profissional, são um traço marcante do nosso tempo, ditando um ritmo intenso ao corpo. E isto (agora já podemos afirmar com segurança) prejudica sobremaneira o Lazer.

Este talvez seja o segredo do controle: envolver incessantemente o indivíduo em uma trama de exigências e necessidades, coerções e induções que, ao contrário do que ocorria na disciplina, não cessam nos intervalos espaciais entre um dispositivo de confinamento e outro. Ao invés disso, mantém-se de forma onipresente na vida, ou, melhor dizendo, multiplica-se exponencialmente ao ponto de assumir proporções gigantescas e preocupantes. Este talvez seja o ponto crucial desta problematização: devemos nos perguntar se esta intensidade, esta tensão contínua, este ritmo são suportáveis pela biologia humana? Apenas para reflexão, observe que a palavra depressão infelizmente tem sido usada com fartura em nossos dias. E esta talvez seja a resposta, não nossa, mas do próprio organismo a esta questão. Sua forma de protesto. O grito do corpo. E necessitamos aceitar que o

corpo é o lugar por excelência onde o Lazer poderá realizar-se. É, em última análise, do tempo do corpo e da atitude do corpo que depende o Lazer. Logo, é preciso conhecer os limites desse corpo para respeitá-los, o que, não poucas vezes, temos deixado de fazer.

Esta aceleración de los estímulos es un factor patógeno que alcanza al conjunto de la sociedad. La combinación de competencia económica e intensificación digital de los estímulos informativos lleva a un estado de electrocución permanente que se traduce en una patología difusa, que se manifiesta, por ejemplo, en el síndrome de pánico y en los trastornos de la atención. (BERARDI, 2003, p.18)

Para exemplificar que tipo de obrigações estamos tentando questionar, uma rápida olhada nas circunstâncias culturais que em parte nos determinam talvez possa ser útil. Desde a **infância**, quando ainda não agimos a partir de convenções sociais, a maior exigência é a assimilação das cada vez mais numerosas normas da vida adulta (havemos de convir que isto está longe de ser uma opção. Pelo contrário, é antes de tudo a primeira grande obrigação que condicionará nossa sobrevivência e conseqüentemente nosso futuro). De tal tarefa costumam se encarregar todos os adultos ao nosso redor, mas, de uma forma mais presente, a família e posteriormente a escola são os agentes por excelência. Note que, em alguns casos, já é nesta idade que somos introduzidos no aprendizado da língua estrangeira – em geral o inglês – e da informática, compromissos que se sobrepõem ao brincar (o “Lazer” característico desta fase) com cada vez mais freqüência. Na **adolescência**, o padrão de beleza surge implacavelmente como “ponta de lança” da produção das subjetividades. A popularidade é fundamental e enquadrar-se dentro dos esteriótipos é outra grande obrigação comum a qualquer jovem “normal”. Justo aqui onde os conflitos afetivos são marcantes (recorde-se da linguagem como grande obstáculo ao diálogo intergerações). Na **vida adulta** as obrigações no/por trabalho são o ponto central. Afinal, para isto se foi até aqui preparado. A competição que sem dúvida já existia de forma aguda na escola, para o adulto, tanto dentro como fora do trabalho, é ainda mais selvagem, e a inserção no mercado se dá apenas se atendidos uma série de pré-requisitos (obrigações) impossíveis de serem elencados com absoluta precisão (aqui o misto entre oculto e expresso é muito difuso). Sem esquecer da **velhice**, etapa onde, ainda que a obrigação em geral dê relativa trégua, o preconceito permeia as questões relativas ao prazer, e se não há mais obrigação no trabalho (em sentido estrito), desta vez não é raro, em geral, a ausência de atitude

favorável à prática do Lazer (aqui o Ócio Criativo de De Masi apresentaria-se de forma absolutamente relevante, se quiséssemos aprofundar a questão).

Isto já ocorria e apenas continua ocorrendo? Talvez sim, mas o controle que está por trás de todas essas obrigações, e que nos torna gradativamente o que somos, parece ser uma força que se manifesta agora cada vez mais continuamente, com o forte auxílio de uma tecnologia extremamente eficiente neste sentido. Nosso comportamento tem que adaptar-se, desde cedo, ao fato de estar sobre este controle constante, afetando nossos momentos em sua totalidade, inclusive os de Lazer. Resta saber as conseqüências disto.

Façamos agora uma outra indagação: Que tipo de conteúdo do Lazer predomina em sociedades onde se verifica este tipo de características? Para encontrar uma resposta minimamente plausível, é preciso admitir-mos o vertiginoso desenvolvimento tecnológico como presença marcante na configuração das sociedades de controle, exercendo grande influência também sobre o Lazer. Acreditamos que exista a provável predominância (em termos de ascensão) de um conteúdo particular de Lazer, muito destacado em nossos dias: A internet, que já faz parte da vida de um grupo muito numeroso e cada vez maior de pessoas, promovendo relacionamentos através da troca de informações (dados) cada vez mais veloz, sendo um opção freqüentemente recorrida durante o tempo liberado. Talvez seja o grande conteúdo de Lazer do momento, por poder satisfazer muitas e diversas aspirações de seus usuários, bem como lhes dar aquilo que os rejubila: a *intensidade*. O uso da informática para este fim (relacionamentos virtuais via internet hoje são comuns, especialmente entre a juventude, além de uma série de outras possibilidades) é um traço marcante de nosso tempo, o que não deixa de ser, contraditoriamente, um eficiente mecanismo de controle dos corpos, pois cada sujeito que acessa o mundo virtual pode ser catalogado com surpreendente precisão.

Avançando um pouco nesta problematização, questionamos onde as pessoas, de uma maneira geral, preferem estar durante seu tempo liberado? Tomando como razoáveis as considerações sobre conteúdo, conseqüentemente reforça-se a idéia de que a casa seja o equipamento não-específico responsável pela maior parte do tempo dedicado ao Lazer. Madrugadas são freqüentemente empregadas para esse fim. Some-se a isto as “visitas” a *cyber cafés* e *Lan Houses*, e teremos um total de tempo considerável em que os corpos ficam confinados a

estes espaços. Obviamente que esta escolha implica a recusa de todas as outras possíveis, especialmente aquelas opções de Lazer que essencialmente promovam, por exemplo, o convívio interpessoal concreto ou dos indivíduos com o meio ambiente. Tudo isto sugere que estas determinações irão contribuir significativamente para o perfil de sujeito dos próximos anos, em especial das gerações que já nasceram envolvidas neste universo excitante de cores, sons, movimentos e descobertas... Mas talvez também de mentiras.

Não desejamos entrar diretamente no mérito da qualidade deste tipo Lazer, pois não nos julgamos ainda capazes de fazê-lo. Apenas deduzimos que a esta tendência, que já não é mais característica exclusiva das classes média-alta (já que o acesso às ferramentas de informática, nos centros urbanos, vem se multiplicando e popularizando através das escolas, *Lan Houses* e *Cyber Cafés*¹⁰, dentre outros espaços) corresponde outra, antes já referida por nós, do auto-isolamento e do comprometimento do convívio social efetivo em nome do convívio virtual, afetando profundamente os comportamentos relacionados ao Lazer.

Numa *sociedade de controle*, o poder que produz as subjetividades, situado no nível das relações sociais (e não tanto em suas formas jurídicas, institucionais, como nos mostra Foucault), aparece portanto como efeito contínuo e eficaz na arquitetura-engenharia dos corpos e também das suas respectivas práticas de Lazer, pois não há dimensão do tempo que escape a este efeito de poder.

Estamos lado a lado com De Masi na defesa da criatividade como elemento fundamental do humano. Tolhê-la, como freqüentemente fica evidenciado em nossos dias (seja qual for o nome que utilizarmos para defini-los), é reforçar a atrofia das potências. É dificultar as ações transformadoras. É atrasar a superação desta realidade. É impedir o ser humano de emancipar-se, de alcançar sua tão importante autonomia. É acreditando nisso que queremos, já beirando o fim deste trabalho (mas prevendo o começo de muitos outros) nos somar na defesa do ócio criativo, do trabalho criativo, do Lazer criativo, do uso criativo da internet (como de qualquer ferramenta); Enfim, na defesa irrestrita da criatividade em todo e qualquer âmbito da vida. A escola, por sua vez, deveria assumir radicalmente o objetivo de incentivar a criatividade - via educação formal – nas crianças e adolescentes que por

¹⁰ Em Santa Maria-RS, até mesmo a mais expressiva instituição religiosa (a Católica) já percebeu a necessidade de oferecer um espaço próprio para o acesso a internet. Dois efeitos devem ser imediatos: o contentamento de seus já fiéis (especialmente os jovens), além de uma possível inserção de novos.

ela passam (mas infelizmente, ainda que inconscientemente, freqüentemente promove o contrário). Uma importante condição para tanto é reestabelecer o diálogo verdadeiro, e pensamos que isto só se dará na medida em que a escola deixar de negar o prazer, ou o próprio Lazer em seus currículos, e admitir que existe validade naquilo que as novas gerações trazem de fora dos muros da mesma. Além, é claro, de tentar despertar o redescobrimto dos conteúdos clássicos e fundamentais de Lazer. O jogo, a dança (o movimento), a poesia (a literatura, de uma forma geral), a música, a ludicidade... e conseqüentemente, através de uma formação Onilateral, cultivar o hábito da dúvida, do questionamento, da reflexão. Enriquecer de significado o cotidiano (e, quem sabe, torná-lo revolucionário) será talvez a grande lição que a escola pode deixar.

Estas reflexões não almejam status de conclusão, visto que não realizamos estudos empíricos que as corroborem. Mas não podemos nos furtar do dever de apresentar nossas suspeitas. Agora cada um e cada uma devem problematizar seu próprio Lazer para melhor compreender a vida, já que este é, sem sombra de dúvida, dimensão fundamental daquela. Esta é a única certeza deste trabalho. Encerramos com um fantástico poema de Mario Quintana que, como a epígrafe que inicia este texto, pode contribuir com o leitor neste sentido.

O TEMPO

O despertador é um objeto abjeto.

Nele mora o Tempo. O Tempo não pode viver sem
nós, para não parar.

E todas as manhãs nos chama freneticamente como
um velho paralítico a tocar a campainha atroz.

Nós

É que vamos empurrando, dia a dia, sua cadeira de
rodas.

Nós, os seus escravos.

Só os poetas

os amantes

os bêbados

podem fugir

por instantes

Ao Velho. . . Mas que raiva impotente dá no Velho
Quando encontra crianças a brincar de roda
E não há outro jeito senão desviar delas a sua
cadeira de rodas!

Porque elas, simplesmente, o ignoram. . .

REFERÊNCIAS

BERARDI, F. (Bifo) **La fábrica de la infelicidad**: nuevas formas de trabajo y movimiento global. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

BIOPODER: El poder: disciplinas, biopoder. Sociedad de normalización. **Theatrum Mundi** (Caderno de debates), [S.l.], 1999.

BOLOGNA, J. E. **Diálogos Criativos**: Domenico de Masi : Frei Betto / mediação e comentários José Ernesto Bologna - São Paulo: DeLeitura Editora, 2002.

CHARÃO, C. M. **O tempo de não-trabalho em assentamento do MST**. 2004. 127 f. Monografia (Especialização em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

DELEUZE, G. **Conversações** - Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

_____ **Foucault** – São Paulo: brasiliense, 1988.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial – Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed. da UnB, 1999.

EIZIRIK, M. F. **Michel Foucault** : um pensador do presente – Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas – 8ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Microfísica do Poder** – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____ **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão – Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam- 27ª ed.- São Paulo, Cortez:Autores Associados, 1992.

- _____ **Pedagogia do Oprimido** - 17ª ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- HOLLOWAY, J. **Mudar o Mundo sem tomar o poder** – São Paulo: Viramundo, 2003.
- HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo** – São Paulo: Globo, 2003.
- JORNAL ZERO HORA, Porto Alegre, de 07/03/2004 e 11/04/2005 (recortes).
- JORNAL DO COMÉRCIO, Porto Alegre, s.d. (recorte).
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 11/04/2004 (recorte).
- LIGHTMAN, A. **Sonhos de Einstein** – tradução Marcelo Levy – São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- MAGRO, C. (org.) **A ontologia da realidade**– Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: uma introdução** – 3ª ed. - Campinas: Autores Associados, 2002.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política** – Livro I, vol. I – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana** – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MELUCCI, A. **A invenção do presente** – Petrópolis: Vozes, 2001.
- ORWELL, G. **1984** – 17ª ed. - São Paulo: Ed. Nacional, 1984.
- PEY, M. O.(org.) **Esboço para uma história da escola no Brasil: algumas reflexões libertárias**, [S.I.]: Achiamé, 2000.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural** – Porto Alegre: Globo, 1976.

SAINT-EXUPÉRY, A. de **O Pequeno Príncipe** – Rio de Janeiro: Agir, 2003.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 32^a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1989.

SOTO, E. **Recreacion n. 7: Cuaderno de Divulgación** – Año IV – Córdoba (Argentina), 1996.

TIBURI, M.; KEIL, I. **Michael Foucault e a invenção do homem.** Zero Hora, Porto Alegre, dia 12 de jun., 2004. Caderno Cultura, p. 6.

WAMMACK em UNÔMADE SM, **Espaços, corpos e cotidiano: uma exploração teórica: Arquivos para conversações e desescolarização.** [Santa Maria]: s.d., CD-ROM 1.